

UM CAMINHO DE LEITURA EM *O SONHO DE UM HOMEM RIDÍCULO*, DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

A READING PATH IN FYODOR DOSTOEVSKY'S THE DREAM OF A RIDICULOUS MAN

Fernanda Viana de Sena 

viana.fer.01@gmail.com

Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Sueli Maria Ramos da Silva 

profa.dra.sueliramos@gmail.com

Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, cursos de mestrado e doutorado, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.



Dossiê

DOSTOIÉVSKI: 200 anos

Organizadores:

Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto



Dr. André Luis Gomes



Dr. Luciano Ponzio



v. 31, n. 58, abr. 2022

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 28/02/2022

Aprovado em: 30/03/2022

Distribuído sob



Resumo/Abstract Palavras-chave/Keywords

O contato com a literatura, como uma maneira de refletir sobre uma das diversas formas de linguagem e a psique humana, permite tanto a análise linguística, em sentido estrito, quanto às análises de significações e representações de um mundo criado pelo sujeito da enunciação. A fim de refletir sobre a peculiar forma de construção artística de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, este estudo visa a dar notoriedade à obra “O Sonho de Um Homem Ridículo” (1877), destacando as nuances sensíveis do texto e como o enunciador projetou, de forma profunda, os limites da razão e da fé. Para isso, contaremos com o arcabouço teórico da semiótica discursiva, bem como os estudos da enunciação de Benveniste e o desdobramento tensivo da teoria para evidenciar os gradientes passionais envolvidos no projeto enunciativo, compreender um caminho de leitura possível e as coerções que advém das marcas enunciativas. Essa atmosfera para análise do texto literário à luz da semiótica constitui, por conseguinte, um elogio da literatura e da capacidade de (re)significação do mundo (MARTINS, 2017).

Leitura; Enunciação; Dostoiévski.

Contact with literature, as a way to reflect on one of the various forms of language and the human psyche, allows both linguistic analysis, in the strict sense, and the analysis of meanings and representations of a world created by the subject of enunciation. In order to reflect on the peculiar form of artistic construction of Fyodor Mikhailovitch Dostoevsky, this study aims to give notoriety to the work "The Dream of a Ridiculous Man" (1877), highlighting the sensitive nuances of the text and how the enunciator deeply projected the limits of reason and faith. For this, we will have the theoretical framework of discursive semiotics, as well as Benveniste's studies of enunciation and the tensive unfolding of the theory to highlight the passionate gradients involved in the enunciative project, understand a possible reading path and the coercions that come from enunciative marks. This atmosphere for analyzing the literary text in the light of semiotics is, therefore, a compliment of literature and the ability to (re)signify the world (MARTINS, 2017).

Keywords: Reading, Enunciation, Dostoevsky.

Reading; Enunciation; Dostoevsky.

Introdução

Em contato com a leitura, habitamos o mundo construído de modo indireto, que é apresentado por figuras do mundo natural. As palavras desenham o imaginário coletivo de um povo, em um fazer criativo. Para Wunenburg (2007), o termo “imaginário” refere-se à fantasia, à lembrança, ao devaneio, ao sonho, à crença não-verificável, ao mito, ao romance, à ficção, entre outros. Os textos ficcionais reúnem pensamentos e valores de sujeitos que, por vocação, têm a habilidade de criação, combinando e arranjando, em um jogo de palavras capazes de constituir representações daquilo que ele vê, escuta e sente. Nesse universo do fazer literário, a literatura é a morada onde o indivíduo tem espaço. Ao mesmo tempo que os homens (re)criam e representam as coisas do mundo natural, delimitam o espaço do real, separando-nos do imediato.

Em uma leitura não investigativa, ao entrarmos em contato com o(s) efeito(s) de sentido de um texto, não pensamos no empreendimento discursivo que alicerça a narrativa. À luz da semiótica discursiva, que será apresentada a seguir, é possível perceber as estruturas de textualização materializadas em um projeto persuasivo realizado pela função do enunciador (autor), que encaminha o fazer interpretativo por parte do enunciatário (leitor). À medida que se investiga o sentido do texto, tem-se descoberto um mundo criado pelo enunciador, por intermédio da estrutura presente no texto e não fora dele. Essa visada estruturalista acomodou, em seguida, os estudos sobre a enunciação cujo sujeito é posto no centro da análise.

Sobre a concepção de leitura, Eco ([1932]1994) aponta que as narrativas ficcionais constroem um mundo com alguns acontecimentos e personagens, deixando de dizer muitas coisas. Sendo assim, a narrativa pede que o leitor preencha as lacunas, fazendo parte do trabalho na construção do sentido. Nessa perspectiva, Manguel (1997) comenta que Kafka, em 1904, percebia que os textos precisavam ser inacabados para que houvesse espaço para o trabalho do leitor e dizia também que se deve-

riam “ler somente livros que nos mordam e piquem” (MANGUEL, 1997, p.113). Pensando nisso, o texto em análise tem essas facetas, que deixam entrever questões da complexidade do pensamento humano e deixando transparecer vícios e virtudes relativos ao comportamento do homem. Por intermédio do viés sensível da semiótica, espera-se chegar às nuances sensíveis que fazem parte dos caminhos de leitura.

De modo geral, diante das diversas formas de refletir sobre os encaminhamentos presentes no texto literário, objetiva-se observar os investimentos enunciativos dentro da narrativa fantástica *O sonho de um homem ridículo* (1877), de Fiódor Dostoiévski, tradução de Vadim Nikitin, publicado em 2017 pela editora 34. Para a reflexão, serão revisitados os estudos de Merleau-Ponty (1961) para resgatar o caráter perceptível da significação emprestado à semiótica francesa; Zilberberg (2011) para observar a passagem de um estágio patêmico a outro; Bertrand (2003) e Fiorin (2016) para corroborar com o estatuto da pessoa no discursivo de Dostoiévski.

Como ponto de partida para essa interface do texto literário com a semiótica discursiva, levamos em consideração a escolha do conto. Em geral, as obras do autor já possuem notoriedade por servir de *corpus* para a corrente filosófica bakhtiniana. Em particular, a obra ficcional a ser analisada apresenta uma representação da vivência do sujeito e das reflexões sobre o pensamento humano. Dessa maneira, pretende-se evidenciar os mecanismos usados para simular o aspecto da poética complexa sobre a existência humana, que, em certa medida, inscreve as obras dele como metateoria nos espaços literários e científicos.

Essa complexa manifestação da linguagem parece estar erigida por um pacto sobre o que está em jogo, estabelecendo, assim, um **contrato fiduciário** do parecer verdadeiro ou falso do discurso em ato, em que autor e leitor negociam a hesitação presente no texto. Sobre o contrato, em sentido geral, entende-se a relação intersubjetiva de confiança sobre um objeto-valor estabelecida previamente por valores pragmáticos (GREIMAS & COURTÉS, 2008).

Em um primeiro momento, apresenta-

se o resumo do conto, em que o enredo gira em torno de um homem que não vê significado no mundo e em si e tem uma ideia fixa de se matar. Durante um passeio numa noite sombria, é surpreendido por uma pobre criança a quem trata com impaciência, porém esse encontro muda a sua ideia primeira do suicídio. Ao chegar em casa, passadas algumas horas, com um revólver nas mãos e envolvido em seus mártires morais, adormece e tem um sonho. Nele, o homem atira em seu coração e tem a angústia de se ver na cova e acompanhar seu funeral. Depois, percebe que foi revolvido e conduzido a um planeta similar à Terra. No entanto, esse lugar é puro, sem a expiação do pecado e da maldade. Mesmo admirando aquela benevolência, ele, despropositadamente, consegue perverter os habitantes daquele local. As hostilidades inauguradas por ele não permitem que as pessoas se lembrem do que viviam antes. Em seguida, o homem acorda. O sonho tinha sido uma epifania e ele decide viver para transmitir a verdade de que tomou ciência naquele momento onírico.

Após a breve apresentação do enredo e antes de proceder à análise do conto, apresentamos a fundamentação teórica que conduz à investigação do enunciador e do caminho criado artisticamente por ele. Assim, dentre as formas de expressões possíveis, o texto literário tem, nesta análise, a centralidade do estudo, por ocupar um espaço privilegiado na teoria (BERTRAND, 2003) e, sobretudo, por visar à reflexão sobre os modos de existências sensíveis do enunciador dostoiévskiano.

A Semiótica Discursiva

A teoria semiótica de Greimas herda da perspectiva saussuriana a rejeição de referentes externos, preocupando-se com os critérios de verdade, não do mundo objetivo, mas aquela construída pelos discursos e pactuada entre o enunciador e o enunciatário. Ela se propõe a investigar a significação no extenso terreno de manifestações, agregando epistemologias e teorias afins como instrumentalidade.

Seguindo o percurso metodológico dos estudos da semiótica discursiva, encontra-se o

marco dela a partir de Greimas com a publicação da obra **Semântica estrutural** – pesquisa de método (1966). Posteriormente, Greimas foi aperfeiçoando a teoria em parceria com colaboradores, como Courtés, e, juntos, publicaram o **Dicionário de Semiótica** (1979), reforçando a ideia de unidade da semiótica e evidenciando a construção de sentido por meio do **Percurso Gerativo de Sentido**.

A primeira etapa do percurso gerativo, a mais simples e abstrata, recebe o nome de **nível fundamental** e, nela, surge a significação como uma oposição semântica mínima; no segundo patamar, denominado **nível narrativo**, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; o terceiro nível é o do **discurso** em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

O **nível fundamental** contém categorias semânticas responsáveis pela construção de um texto. Desse modo, “cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ versus /disforia” (FIORIN, 2016, p. 23). Esses elementos não seguem uma regra predeterminada. O que determina a euforia ou a disforia é o modo como os elementos que compõem a oposição semântica são determinados pelo texto.

No **nível narrativo**, o ponto de vista do sujeito é responsável pela organização da narrativa. Nele, a sintaxe é constituída por enunciados de estado e de fazer, organizados hierarquicamente de acordo com o “modelo hipotético da estruturação geral da narrativa” com quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção (BARROS, 2002). O enunciado de estado está relacionado a um fazer determinado pela relação entre sujeito e objeto que transforma o mundo. Esse fazer, denominado junção, une o sujeito ao objeto e essa relação pode ser de conjunção ou de disjunção. Já a semântica narrativa centra-se no valor do objeto, que podem ser modais ou de valor. Os objetos modais são aqueles necessários para a aquisição de um objeto e são necessários para que a performance aconteça. São eles: o querer, o dever, o saber e o poder fazer (MONTEIRO; VEDOVATO, 2008). Por meio da junção entre os enunciados de estado e os enunciados de fa-

zer pode-se construir o programa narrativo do texto literário e observar os estados e as transformações realizadas.

O **nível discursivo** também é constituído por sintaxe e semântica. A sintaxe sob esse patamar explica as relações do sujeito da enunciação com discurso-enunciado e também as relações entre enunciador e enunciatário, autor e leitor, respectivamente, inscritos no texto. Segundo Fiorin (2016), essa conexão ocorre em categorias de pessoa, tempo e espaço.

Levando em consideração a exposição anterior, o presente estudo conta com a mediação da enunciação, no nível discursivo, considerando a posição do leitor – implícito no próprio texto. Seguindo essa ideia, Bertrand (2003) elucida que o leitor é um centro do discurso. De um modo geral, a teoria greimasiana compreende a enunciação como “uma instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (GREIMAS & COURTÉS 2008, p. 166).

A partir disso, presume-se que exista, além do **eu projetado** no discurso (narrador), um **eu pressuposto** (enunciador). Greimas e Courtés (2008) denominam enunciador o destinatador implícito da enunciação e a figura do enunciatário corresponde, por sua vez, ao destinatário implícito da enunciação. Enunciador e enunciatário são, pois, valores inscritos dentro do enunciado. Dessa forma, as marcas e projeção deixadas pelo enunciador condicionam os efeitos de sentido de subjetividade e de objetividade. Tais fenômenos pressupõem a *debregem* e a *embregem*. De acordo Fiorin (2016), a **debregem enunciativa** é o efeito de proximidade usado para intensificar a subjetividade. Os textos em primeira pessoa são exemplos de efeitos de subjetividade. Por outro lado, a **debregem enunciativa** é o afastamento que contribui para a objetividade do texto, evidenciada, em geral, em textos jornalísticos.

Outro desdobramento do nível discursivo tem base na semântica discursiva. Nessa vertente, a construção de investigação constitui-se por intermédio dos procedimentos de **tematização** e **figurativização**, as pistas deixadas

no texto, que se caracterizam por especificar o sentido e estabelecer os valores inseridos no discurso, por meio de isotopias temático-figurativas.

Na tentativa de evidenciar os mecanismos empregados nesse discurso literário, parte-se de um ponto fundamental de análise, que são as temáticas do **pessimismo** e da **epifania** presentes na obra e as figuras que recobrem o enunciado. Sob esse aspecto, o **Dicionário de semiótica** dispõe que a **tematização** é um procedimento que dissemina valores de maneira, mais ou menos difusa ou concentrada sob a forma de temas (GREIMAS & COURTÉS, 2008) concretizáveis por figuras encadeadas que sugerem outras, proporcionando, assim, um caminho implicativo de leitura e, ao mesmo tempo, sugerindo a tematização presente no enunciado.

Os textos literários, por excelência, conduzem a uma hipótese de **figurativização**, que ocorre por intermédio dos percursos narrativos em que se consolida o fio temático, legitimando o aspecto fático e um modo de verdade (DISCINI, 2004). Greimas & Courtés (2008) percebem que quase a totalidade dos textos ditos literários e históricos pertence à classe dos discursos figurativos. Essa característica do texto literário pode ser endossada por conceitos que reforçam a noção de constituição de sentido, que se dá com a combinação de temas e de figuras recorrentes, evidenciados a partir do modo pelo qual o discurso é produzido.

A partir dessas concepções, pode ser possível evidenciar em que medida as recorrências figurativas na construção do discurso podem determinar o sentido do texto e constituir o **fazer persuasivo** do enunciador dostoiévskiano e o **fazer interpretativo** do leitor construído na obra dele. A função discursiva é transposta pelo dizer verdadeiro em um que parece ser e pode ser bem conduzida se houver correspondência a expectativas construídas pelo enunciatário, a partir de isotopias de leituras e marcas cristalizadas culturalmente. Nesse jogo persuasivo, o enunciador busca fazer com que um enunciatário entre em conjunção com os valores construídos no enunciado.

Outra vertente da teoria, chamada de semiótica tensiva, traz aos estudos o aspecto sensível, em que o fazer interpretativo da obra contempla os modos de engajamento impacantes do sujeito, ou seja, o modo como ele sente as coisas do mundo natural. Segundo Zilberberg (2011), o ponto de vista do sujeito possibilita um esquema de junção - um estilo tensivo - ascendente, denominado como **implicativo**, ou seja, os acontecimentos são esperados e previsíveis; descendente, em outras palavras, **concessivo**, pois o sujeito é surpreendido por algum acontecimento na narrativa. É a partir dessa dinâmica de estilo implicativo e concessivo, que acontece a relação de dependência entre a expectativa e o desenvolvimento. Nesse ponto, o desdobramento tensivo da semiótica reconhece a concessão que pode ser concebida de forma abrupta ou gradual. Há uma espécie de passagem daquilo que se espera em um texto aquilo que é inesperado.

Para trazer mais precisão à análise proposta, refletimos sobre o **projeto enunciativo** do conto. O termo é relativamente novo no campo semiótico e se encaixa bem à proposta de investigação da enunciação. Os estudos semióticos têm ampliado a teoria e, no Brasil, têm trazido novas perspectivas sobre a maneira de se conceber os estudos da enunciação definidos por Benveniste, ou melhor, trazendo mais operacionalização aos estudos.

Quando se pensa em mapear os elementos constitutivos da enunciação, há de se considerar o **projeto enunciativo**, que é o conjunto de estratégias de textualização postas em prática no ato de criação que dão corpo ao projeto de persuasão de um enunciador. Cria-se, portanto, o perfil discursivo de quem “diz” (MANCINI, 2020). Diante da recursividade possível, partimos das estratégias do enunciador para se ater ao discurso de que a realidade oprime o homem e que é possível fugir da opressão a partir da ludicidade, da fantasia, enfim, das formas oníricas. Para isso, os trechos a serem analisados são utilizados para se pensar de que maneira se constitui a enunciação, destacando, além da temática da ludicidade e da epifania, os momentos de impacto da obra.

Um caminho de leitura em “O Sonho de Um Homem Ridículo”

De modo geral, o percurso gerado na constituição da narrativa do conto encaminha-se à direção: **realidade** → **não-realidade** → **epifania** (modelo proposto por BARROS, 1990). Para esse aspecto, acreditamos numa espécie de passagem de um termo a outro e partimos do pressuposto de Fiorin (1992, p. 65) que aponta para a oposição desses elementos não sendo absoluta, constituída, assim, por um **continuum**, numa espécie de gradação. Levando em consideração o aspecto sensível do conto, há alguns fragmentos em que é possível observar a temática da **apatia** e do **pessimismo** recorrente que gera um hábito.

Eu sou um homem **ridículo**. Agora eles me chamam de louco. Isso seria uma promoção, se eu não continuasse sendo para eles **tão ridículo** quanto antes. [...] Ah, como é duro conhecer sozinho a verdade! Mas isso eles não vão entender. Não, não vão entender. Antes, porém, eu me sentia muito consternado por **parecer ridículo**. Eu **não parecia**, eu **era**. Sempre **fui ridículo**, e sei disso, talvez desde que nasci. [...] quanto mais estudava, mais aprendia que sou **ridículo**. [...] A cada ano aumentava e se fortalecia em mim essa mesma consciência do meu aspecto **ridículo em todos os sentidos**. [...] Mas ninguém sabia nem suspeitava que, se havia na terra um homem mais sabedor do fato de que sou **ridículo**, esse **homem era eu**. (p. 91) Por um motivo qualquer, justamente, porque até hoje não sei bem por que motivo. [...] ocorrera-me a convicção de que no mundo, em qualquer canto, tudo tanto faz. [...] dava no mesmo [...] diante de mim não havia nada [...] tudo me era indiferente (DOSTOIÉVSKI, [1877]2017, p.92 e 93, grifos nossos).

O trecho anterior é um recorte do início do conto e, em primeiro lugar, percebe-se que o **fazer persuasivo** é representado por morfemas que marcam a pessoa - **Eu/ sou/ me/ mim / conheço/ fui/ sei/ nasci**, que cria um **efeito de subjetividade** na narrativa. Para Fiorin (2016), os pronomes pessoais retos e oblíquos; os pronomes possessivos e as desinências número-pessoais do verbo transmitem tal efeito, esta-

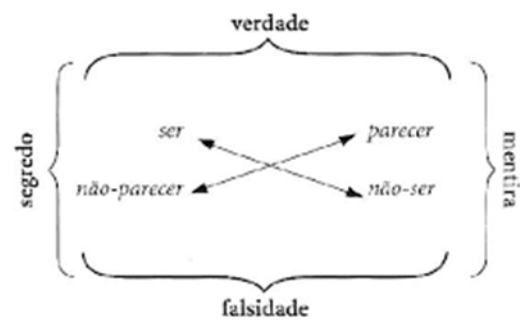
belecendo, assim, a **debreagem** instalada no discurso. Tem-se uma debreagem actancial enunciativa (primeira e segunda pessoa) e uma debreagem temporal enunciativa (momento de referência pretérito em torno do qual organizam-se as ações "fosse, sentia, acontecesse, sentiria, eram, enfurecia").

Em segundo plano, o sujeito da enunciação constrói o seu objeto de percepção e, ao mesmo tempo, constrói-se. Isso é possível por meio da grade valores implicados na perspectiva do sujeito: intersubjetividade e intrassubjetividade (MERLEAU-PONTY, [1961]2018). A semiótica discursiva adota esses termos da fenomenologia da percepção, definindo-os a partir do pacto de valores instituídos pelos sujeitos envolvidos. O primeiro diz respeito ao vínculo social, um *crer doxológico*. O segundo enuncia as condições de adesão do sujeito ao parecer sensível, envolvido com os afetos da pessoa. Levando isso em consideração, o personagem observa o que as pessoas falam sobre ele, um valor já enunciado e compartilhado por todos à sua volta. Ao mesmo tempo, constitui-se como um homem ridículo.

No **fazer interpretativo**, "o texto constrói um tipo de leitor chamado a participar de seus valores" (FIORIN, 2016). O jogo persuasivo envolvido no discurso e as estratégias enunciativas do conto fazem com que o leitor homologue a enunciação patêmica presente no personagem. Além disso, o trecho traz uma recorrência de repetições do vocábulo **ridículo**. O sujeito está enfatizando que não só as pessoas o consideram ridículo, ele mesmo tem consciência disso. É possível compreender esse fato a partir dessas repetições, que causam um efeito de apatia, uma espécie de enunciação passional. Em termos tensivos, esse fragmento mostra uma atonicidade, o que não causa impacto no estado de alma do sujeito. O andamento é desacelerado, visto por meio das repetições e das redundâncias figurativas [ridículo; tão ridículo; não parecia, eu era; fui ridículo; sou ridículo; ridículo em todos os sentidos]. De acordo com Zilberberg (2011), a permanência, a persistência de um estado vivido pelo sujeito, sugere uma lentidão extrema.

À luz da semiótica, Bertrand (2003) aponta que o mundo criado no discurso e a representação do sujeito desenvolvem-se com uma linguagem figurativamente articulada em propriedades sensíveis inseparáveis de propriedades discursivas. A organização narrativa subjaz à percepção de cada figura do mundo natural: uma interação entre os sujeitos que percebem os objetos percebidos. No entanto, as formas dos arranjos entre as duas semióticas: a do mundo natural e a das manifestações discursivas das línguas naturais são aclimadas pelo uso (BERTRAND, 2003). Logo, a reiteração de atributos manifestados no discurso projeta um simulacro de enunciação pessimista no conto.

A ênfase à característica do sujeito/personagem - a isotopia figurativa da autodepreciação [ridículo; tão ridículo; não parecia, eu era; fui ridículo; sou ridículo; ridículo em todos os sentidos] pode ser transposta ao que Bertrand (2003) dispõe sobre o regime de veridicção. Tem-se a afirmação de [não parecia, eu era] em um regime de veridicção ser/parecer que reafirma aquilo que o personagem achava que era.



Esquema I: Quadro da veridicção ser/parecer proposto por Greimas

O quadro da veridicção é uma forma de visualização capaz de combinar os pares opositivos e opostos, guiando o leitor a uma leitura possível. De acordo com Barros (2002), entendem-se por efeito de verdade as ilusões discursivas que decorrem de fatos contados por sujeitos, criando a ilusão de uma situação verdadeira. Dessa forma, o discurso manipula a sua verdade. O enunciador não produz discursos ver-

dadeiros ou falsos, atém-se a criar efeitos de verdade ou falsidade, que parecem ser. Logo, o desenvolvimento da veridicção na análise baseia-se na oposição entre o **parecer** e o **ser** [não parecia, eu era], em um simulacro de verdade.

O trecho a seguir mostra o estado do sujeito depois do encontro com a menina, que parece ser um primeiro resgate de vida desse sujeito que estava prestes a se matar. Até então, havia apenas o regimento de crença que implicava a morte, que ele esperava. O sujeito não esperava o encontro com a menina e foi surpreendido por esse acontecimento, que não teve maiores empreendimentos por parte do sujeito. Ele simplesmente foi afetado, mas, a princípio, não reagiu. Levando em consideração as funções do narrador (JAKOBSON, apud FIORIN, 2016), percebe-se a atestação, que é o grau de precisão dos sentimentos despertados pelo encontro com a criança. Além disso, o aspecto valorativo está presente quando o narrador comenta o desprezo dele pela criança.

Vejam só: se bem que tudo me fosse indiferente, **apesar disso**, dor, por exemplo, eu sentia. [...] se acontecesse alguma coisa muito penosa, eu sentiria pena. [...] Por que é que eu fui sentir de repente que nem tudo me era indiferente, e que eu tinha pena da menina? [...] As questões eram fúteis e excessivas, mas elas me inflamavam, e eu me enfurecia. Era como se agora eu já não pudesse morrer sem antes resolver uma coisa qualquer. [...] essa menina me salvou, porque com estas questões eu adiei o tiro. [...] Adormeci totalmente sem perceber. [...] **Ora, que seja um sonho, que seja, mas essa vida que vocês tanto exaltam, eu queria extingui-la com o suicídio, e o meu sonho, o meu sonho – ah, ele me anunciou uma vida nova, grandiosa, regenerada e forte!** Escutem! (DOSTOIÉVSKI, [1877] 2017, p.99 - 102, grifos nossos).

Nessa segunda parte do conto, tem-se o narrador (eu), dirigindo-se diretamente a um (você) narratário. Isso se dá desde o início com “Vejam só” e, depois, [vocês, Escutem]. Na segunda parte desse excerto, a debreagem actancial continua enunciativa e a temporal também torna-se enunciativa (momento de

referência presente), o que confere um efeito maior de aproximação.

A partir da expressão **apesar disso**, percebe-se uma quebra de expectativa, algo que irrompe no campo de presença do sujeito sem aviso prévio. Em outras palavras, um homem que vivia indiferente à sua existência e a tudo, teve compaixão pela menina. O encontro com ela foi o primeiro indício de mudança do sujeito. A partir desse momento, a implicação da morte foi perdendo força e elevou-se o andamento depois da conversa com a menina, ou seja, o desfecho implicativo da morte por suicídio foi interrompido pela quebra concessiva que ocorre após a conversa com a menina. Em seguida, percebe-se o encaminhamento para se tonificar o estado de alma do sujeito [**e o meu sonho, o meu sonho – ah, ele me anunciou uma vida nova, grandiosa, regenerada e forte!**] Houve uma virada axiológica em relação à vida (que antes era disfórica e se tornou eufórica). A partir do acontecimento sensível, que impactou o sujeito, o personagem quis viver.

Além disso, a figura da criança traz à narrativa o universo lúdico e a presença dela figurativiza e entra no campo de presença o aspecto fantasioso. Após o contato com a menina, que foi a primeira quebra de expectativa, surge um outro acontecimento - **o sonho**, inserindo, de vez, o sujeito no universo transcendental. Assim, tem-se a oposição **realidade vs sonho** instaurada no discurso, fundamentalmente, disfórico e eufórico, respectivamente.

No que concerne ao Programa Narrativo (PN), observa-se a transformação principal operacionalizada nesse discurso como a ação do sujeito para manter-se em conjunção com o objeto-valor (epifania). Assim, de forma didática, tem-se: **PN de base: $S_1 \rightarrow S_2 \cap O_v$** (S_1 = sonho; S_2 = sujeito; O_v = epifania). Dentro desse programa, temos instaurada a competência do sujeito para a transformação (realidade \rightarrow epifania), proporcionada pelo sonho.

Numa perspectiva perceptiva do sujeito, Bertrand (2003) levanta alguns questionamentos sobre os objetos da linguagem e os canais sensoriais do corpo. Tais aspectos emanam das figuras que evocam as relações que a

semiótica tem com a fenomenologia, sobretudo com a abordagem de Merleau-Ponty ([1961] 2018) sobre percepção, uma vez que as percepções do sujeito são figurativizadas no discurso de modo que o leitor as perceba. Desse modo, a semiótica segue o mesmo pensamento fenomenológico e utiliza o termo “tela do parecer” para apresentar modos de crença. No conto, percebe-se as figuras representativas da realidade e do sonho, com os mesmos objetos perceptíveis e sensoriais do mundo natural. Vejamos a seguir esses modos de percepção que evocam a epifania.

[...] E sinto o caixão balançar. [...] E eis que me metem na terra. [...] Estou sozinho. [...] Clamei e me calei. [...] E eis que o meu caixão se rompeu, [...] fui pego por **alguma criatura escura e desconhecida.** [...] **Voávamos no espaço.**

Um sentimento doce começou em êxtase a ressoar na minha alma [...] – Mas se esse é o Sol, se esse Sol é exatamente igual ao nosso – gritei eu -, então onde está a Terra? – E o meu companheiro de viagem me apontou uma estrelinha. – Você vai ver tudo – respondeu o meu companheiro.

[...] Vejam só, mais uma vez: ora, e daí que foi só um sonho? Mas a sensação do amor desses homens inocentes e belos permaneceu em mim para sempre. [...]

Sim, sim, o resultado foi que eu perverti todos eles! Levantei as mãos para o alto e evoquei a verdade eterna. [...] Eu a vi com os meus próprios olhos, eu vi toda a sua glória. [...] Estou me desencaminhando, [...] até encontrar o jeito de pregar. [...] O principal é – ame aos outros como a si mesmo, eis o principal, só isso, não é preciso nem mais nem menos: imediatamente você vai descobrir o modo de se acertar. (DOSTOIÉVSKI, [1877] 2017, p.103 - 123, grifos nossos).

O crivo de leitura que se faz do trecho conduz a uma hipótese onírica assumida pelo sujeito e recoberta por figuras que remetem a esse estado de devaneio [fui pego por alguma criatura escura e desconhecida / Voávamos no espaço/ então onde está a Terra]. Levando em consideração esse aspecto epifânico recoberto por figuras, Fiorin (1992, p. 65) aborda que elas fazem parte “um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não

remete ao mundo natural.” No trecho, assim, o tema do sonho é figurativizado por recorrências representativas do devaneio, por meio da oposição do que era real e a epifania do sujeito, sobretudo, pela passagem de uma extremidade a outra. Isso é possível por intermédio dos procedimentos de **tematização e figurativização**, as pistas deixadas no texto, que se caracterizam por especificar o sentido e estabelecer os valores inseridos no discurso, por meio de isotopias temático-figurativas.

A fim de conceituar a isotopia, Greimas & Courtés (2008) definem-na como a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam estas temáticas (ou abstratas) ou figurativas. Para Bertrand (2003), a isotopia constitui-se pela recorrência de um elemento semântico no sintagma do enunciado que dá efeito de continuidade e permanência de efeito de sentido. Sob esses pontos de vista, a reprodução de figuras retoma e aglutina os percursos temáticos abstratos e, com isso, pode levar o enunciatário ao reconhecimento de imagens capazes de conduzi-lo ao efeito de sentido criado no e pelo texto.

Nessa perspectiva sensível, o estado de alma do sujeito é acentuado e há figuras que remetem ao valor passional de epifania, êxtase, devaneio. Desse modo, a partir desses investimentos, é possível observar, desde o primeiro trecho, a complexidade do estado de alma do sujeito dostoiévskiano nessa obra, caracterizando, assim, uma passagem de um estado para outro.

Considerações Finais

O que foi observado durante o exercício de mapeamento das estratégias enunciativas foi pautado na relevância do processo de leitura de um texto denso com algumas questões particulares do modo de presença do sujeito. Com a metodologia da semiótica de Greimas e, sobretudo, a partir do desdobramento enunciativo, foi possível refletir sobre o enunciatário instaurado por intermédio de um narrador apenas. Essa particularidade projeta, em um primeiro momento, o caráter psicológico do sujeito e o ponto de vista daquele que enuncia. Na parte primeira, notou-se um simulacro de pes-

simismo verificado por meio da atonicidade presente nos trechos que mostram morosidade e falta de um acontecimento sensível.

Na segunda parte, observou-se que uma quebra de expectativa (o encontro com a menina) impactou o personagem a ponto de ele sentir pena dela e sentir outras mudanças de comportamento. Outra virada impactante foi possível notar também na terceira parte pela ruptura ocasionada pelo acontecimento (sonho). Nesse ponto, projeta-se um efeito de devaneio e de sublimação do narrador a partir do que ele sente na utopia. Esse efeito permanece durante um tempo, chegando a um estágio de epifania. Para tais apontamentos, o enquadramento tenso foi utilizado para observar os valores de pessimismo e de estesia. No caso, o primeiro valor está relacionado à desaceleração marcada pelas digressões do enunciador, repetições e ênfases, além da intensidade átona do sujeito que sente as coisas do mundo natural. Em contraposição, os devaneios são marcados pela aceleração e intensidade com que o sujeito sente as coisas do mundo. Pode-se notar também, em contrapartida, o que era real e o que era sonho, numa passagem de um ponto a outro.

De modo geral, pode-se observar o projeto enunciativo do conto, em um fazer persuasivo e um fazer interpretativo pressuposto. Dentre os elementos constitutivos da enunciação de Dostoiévski, a partir dos empreendimentos temáticos e figurativos foi possível observar a hipótese de enunciação sensível no tocante à temática do pessimismo e a delegação. Além disso, percebe-se a transformação do sujeito pelo contato com elementos sensíveis, figurativizados pela criança e pelo sonho, caracterizando, assim, a temática da ludicidade e da epifania. Ambas as viradas foram introduzidas com quebras de expectativas, sendo que a primeira quebra foi mais branda que a outra. Esses encaminhamentos sensíveis projetados no enunciado contribuíram também para a mudança da implicação da morte para a concessão da salvação.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso. Fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Duas Narrativas Fantásticas: A dócil e O Sonho de um homem ridículo*; tradução, prefácio e notas de Vadim Nikitin - São Paulo: Editora 34 (4ª. Edição), 2017.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, [1932] 1994.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- MANCINI, Renata. *A tradução enquanto processo*. Cad. Trad., Florianópolis, v. 40, n.3, 14 - 33, set-dez, 2020.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, Geraldo Vicente. *O último Greimas e o elogio da literatura*. Estudos Semióticos. [Online], volume 13, n. 2 (edição especial), p. 96–101. São Paulo, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1961] 2018.
- MONTEIRO, Andreia Cardoso. VEDOVATO Luciana. *Percursos Gerativo de Sentido nas Aulas de Leitura* – Revista Trama – Volume 4 – Número 7- p. 21-32, 2008.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. Trad. Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola. São Paulo, 2007.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Como Citar:

SENA, F. V. de.; SILVA, S. M. R. da. Um caminho de leitura em *O sonho de um homem ridículo*, de Fiodor Dostoiévski. *Revista Cerrados*, 31(58), p. 212-221. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i58.42151>.